

Lenta. Mas a recuperação vem, diz Setúbal.

— Eu sempre acreditei que 1984 seria um ano melhor do que 1983. Venho dizendo isso desde novembro do ano passado. Acredito numa recuperação da economia, e isso já está ocorrendo, embora lentamente. E isso vai ocorrer graças principalmente à franca recuperação que já se percebe em três setores: as exportações, a mineração e a agricultura.

Esta foi a análise feita ontem pelo presidente do grupo Itaú, Olavo Setúbal, para quem os acordos internacionais celebrados pelo Brasil, tanto em termos de dívida externa quanto os relacionados com a exportação, também serão responsáveis pela recuperação. Outro fator de otimismo: a recuperação das economias norte-americana e européia incentivarão as exportações brasileiras, garantindo mais produção e mais emprego.

A taxa de inflação, na opinião de Setúbal, deverá permanecer em alta até maio. Mas ele acredita que, a partir daí, ela começará a cair, podendo chegar até o fim do ano em torno de 170% (mais alta, portanto, do que a prevista pelo governo, que está em torno de 150%). O próprio Banco Itaú, segundo seu presidente, está operando com uma expectativa de inflação de 170 a 175%.

As dificuldades que o Brasil enfrenta no comércio com os Estados Unidos decorrem, na opinião de Setúbal, do próprio processo de recuperação da economia norte-americana.

— O problema — disse ele — é que o déficit norte-americano é muito alto e o Brasil chegou tarde a aquele mercado. O Japão ocupou grande parte do mercado quando ainda havia superávit. Mas agora os Estados Unidos precisam financiar seu déficit e só há duas formas: as altas taxas de juros ou o protecionismo. O que o Brasil está pedindo são coisas inconciliáveis: a queda dos juros e a eliminação do protecionismo. Uma coisa ou outra os Estados Unidos têm de manter para se recuperarem.

Mercado interno

Em Belo Horizonte, o presidente da Federação das Indústrias de Minas, Nansen Araújo, comentou que "provavelmente, se obtivéssemos indicadores de segmentos industriais com capacidade exportadora, como tecidos e calçados, entre outros, constataríamos índices positivos no que diz respeito à produção".

No entanto, os setores voltados em grande parte para o atendimento ao mercado interno devem ter apresentado desempenho negativo. Citou, por exemplo, a indústria de cimento, cujo indicador é conhecido e mostrou uma queda de 8,5% na produção em janeiro. No mesmo período, o consumo de cimento caiu 4,5% indicando, segundo Nansen Araújo, as dificuldades da construção civil.

— Assim é que essa ligeira e provável recuperação, no global, não pode apagar da classe industrial os graves problemas que a economia ainda enfrenta.

Os níveis de desemprego ainda são preocupantes e a política monetária que leva a juros escorchantes está cada vez mais instável, causando grande insegurança a todos os segmentos da sociedade. Do mesmo modo, "a carga tributária está tão elevada que o próprio governo se assusta com os níveis de arrecadação, em uma sociedade que encontra, cada dia mais, dificuldades para consumir o essencial".

A esperança é que "agora o governo não impeça, mas pelo contrário estimule o desenvolvimento das atividades industriais voltadas para o consumo interno, para que a perspectiva de reaquisição não se torne um alento passageiro".

Ligeira reativação

No Rio Grande do Sul, industriais de vários setores prevêem para este ano uma ligeira reativação industrial, basicamente em segmentos da produção dirigidos ao mercado internacional. Todos afirmam que o mercado interno continua desativado, e a maioria tem apenas esperanças de que a situação mude para melhor. Ninguém ousa afirmar, com base em dados reais, que acredita numa retomada de crescimento da economia.

Para o presidente do Sindicato das Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Materiais Elétricos do Estado, Carlos Staiger, os únicos segmentos do setor que não estão atuando com ociosidade, e que podem ter certeza de manutenção do seu nível produtivo, são os de cutelaria, armas e autopeças, cujo consumo é garantido pelo mercado internacional e as indústrias automobilísticas. E assim mesmo, devido aos baixos salários que são pagos, fator importante para a redução de custos e a competitividade no Exterior. Enquanto, nos Estados Unidos, um operário do ramo recebe US\$ 24,00 por hora, no Brasil, a remuneração é inferior a US\$ 1,00 por hora.

As indústrias de máquinas agrícolas reduziram sua ociosidade de 70 para 50%, reabsorvendo alguma mão-de-obra, mas Staiger prevê que, passada a safra, a ociosidade voltará ao nível anterior. Além do mais, este é um segmento que, no ano passado, enfrentou uma de suas piores fases.

Comportamento e futuro exatamente iguais são esperados por Staiger para material de transporte, que reduziu sua ociosidade de 70% para 50%; refeitas as frotas do setor público, tudo voltará à situação anterior. A indústria de bens de capital está com ociosidade de até 85%. E o presidente do sindicato não espera que isto mude sem que haja também profundas modificações na política econômica.

"Futuro, uma incógnita."

O presidente do Sindicato das Indústrias da Marcenaria, Djalmo Ângelo Gobi, tem esperanças que o consumo de móveis seja reativado a partir de abril, mas reconhece: "O futuro é uma incógnita". Sua expectativa de que as indústrias possam reempregar os 30% de empregados que dispensaram no ano passado baseia-se na possibilidade de direcionamento da poupança para o consumo, pelas altas taxas de inflação.

O setor de calçados é o único no Estado a atuar com plena capacidade, mas enfrenta problemas: os preços médios no mercado internacional estão caindo.

Para a construção civil, o presidente em exercício do Sindicato do setor no Estado, Gianfranco Cimentil, prevê uma retomada de atividades em consequência das novas medidas do governo federal para o Sistema Financeiro da Habitação. Entre fevereiro do ano passado e o mesmo mês deste ano, a construção dispensou 52,8%, de sua mão-de-obra.

Otto Walther Beiser, do Sindicato da Indústria de Alimentação, acha que as decisões econômicas vão surtir efeito a partir de abril, e espera um aumento do consumo de doces, conservas e outros produtos.

Erno Harzheim, diretor-geral da Têxtil RV, do grupo Renner-Vicunha, diz que o crescimento deste ano não compensará de forma alguma o decréscimo do ano passado na área têxtil, e será baseado quase que exclusivamente em exportações.